

Monitor Mercantil – 04/04/2012

Coluna Primeira Linha

Energia

<http://www.monitormercantil.com.br/mostranoticia.php?id=110952>

Sérgio Barreto Motta

Muita gente sorri ao ver interrupções nas hidrelétricas de Santo Antonio, Jirau, Belo Monte e Teles Pires. Mas estudo da consultoria McKinsey aponta que, até 2030, serão incorporados 3 bilhões de consumidores à "classe média mundial". Embora as fontes solar e eólica sejam as preferidas dos ambientalistas, sequer representam 1% da energia consumida no mundo. Europa, Estados Unidos e China podem falar sobre sustentabilidade, mas, na verdade, vão alimentar seus novos consumidores com energia de gás, petróleo e carvão. Felizmente, o Brasil ainda pode usar a água como fonte inesgotável e limpa.

Um analista de energia afirma que entidades estrangeiras, como a inglesa WWF e a holandesa Greenpeace já perderam a guerra por Belo Monte e, no fundo, visam às futuras hidrelétricas. O Brasil só pode extrair energia da água na região amazônica e a atual pressão junto à opinião pública almeja, na verdade, inviabilizar novas barragens, embora o potencial da Amazônia seja enorme.

Barbárie

O presidente do **Instituto Acende Brasil, Claudio Sales**, não se conforma com a passividade do governo e da sociedade ante o que ocorreu nos canteiros da hidrelétrica de Jirau, em Rondônia. Um grupo ateou fogo em 30% dos alojamentos e, embora presente, a Força Nacional de Segurança não conseguiu impedir esse ato de vandalismo. Diz **Sales**: "Em nome do direito ao trabalho, compromete-se o direito ao trabalho, à vida. O direito à greve é lei, bem como o direito à propriedade, o direito de ir e vir. A Justiça do Trabalho considerou a greve dos trabalhadores de Jirau ilegal e após negociações se chegou a um consenso pela volta ao trabalho. Mas, o que se assistiu na madrugada, foi a destruição de casas dos trabalhadores da usina".

Para ele, o Brasil não pode ser conivente com a destruição do patrimônio. Não existe pretexto aceitável para o descumprimento da lei. E conclui: "O setor elétrico brasileiro, que se caracteriza por investimentos bilionários de longo prazo, não pode ficar sujeito a ações destrutivas de tal magnitude, que representam total desrespeito às instituições, sob risco de ver comprometida a expansão da oferta de energia".